

O POTENCIAL DE GERENCIAMENTO DOS PESCADORES BRAGANTINOS EM MARUDÁ

Petrônio Lauro Potiguar Teixeira Júnior

Alguns estudos apontam que há anos tem-se observado a migração de pescadores do Nordeste do Pará, especificamente do Município de Augusto Corrêa e da localidade de São Luis do Apió (Zona Bragantina) para a Vila de Marudá (Distrito do município de Marapanim/Pa) em sua maioria instalados num bairro conhecido como “Sossego”, área deste estudo. Segundo os bragantinos (denominação dos pescadores locais aos migrantes desta zona no Pará), o objetivo da migração está na busca de melhoria da qualidade de vida de seu grupo familiar, exigindo destes tomadas de decisão segundo suas próprias demandas sociais, isto é, formas de gerenciamento e de adoção no que se refere aos meios e ações para sua sobrevivência e reprodução social, mediante as dificuldades em realizá-las pela falta de apoio financeiro, de material e a “farta do pêxe”. Assim, a meta deste trabalho está na definição descrição do gerenciamento que existe, e se percebe entre os pescadores tradicionais. Tal definição, ajudará a se conhecer formas de contribuição concreta das *comunidades* aos processos de gestão para o desenvolvimento de comunidades pesqueiras onde a pesca é a atividade principal. A metodologia utilizada foi a observação direta somada as técnicas de conversas informais/formais com “chefes de família”, residente há mais de 10 anos nesta vila e as anotações do Diário do Campo. Deste modo, foi notado que o problema principal para os bragantinos, é a dependência do “patrão” e do marreteiro, pessoas que os auxiliam em suas dificuldades financeiras no contexto da pesca, endividando-os, fixando o compromisso de entregarem parte de sua produção pesqueira, com intuito de saldarem tal dívida. Para estes pescadores a resolução estaria no apoio financeiro que, se viabilizado, seria fundamental para retirá-los de tal dependência, permitindo uma certa economia para adquirirem seus materiais de pesca “sem ser escravo” de “patrões” e marreteiros. Assim, sem essa perspectiva e comprometidos financeiramente por determinado período, estes migrantes planejam várias atividades extra-pesca, como as coletas de siri (abril-junho), sarnambi (abril-setembro), caranguejo (jan/abril) e mexilhão (maio-setembro) e outras oriundas do turismo (caseiro, carpinteiro, pedreiro e etc. mais presente no mês de julho) buscando suprir algumas necessidades, como alimentação e ter “arguma beira (dinheiro) para guardá”, onde neste contexto a mão de obra familiar é inserida caso a “produção pêxe falhe” ou tenha sido entregue para o “patrão” e marreteiro.

Orientadora : Maria Ivete Herculano Nascimento, Departamento de Ciências Humanas.

Co-Orientação: Lourdes Furtado, Departamento de Ciências Humanas.

Vigência da bolsa: setembro de 1998 a julho de 1999.